

A LINGUAGEM DO SILÊNCIO E DA FALA COMO EXPRESSÕES DO CORPO EM MERLEAU-PONTY

José Francisco das Chagas Souza¹
Ivanaldo Santos²

Resumo

O presente texto tem a pretensão de abordar a linguagem em Merleau-Ponty, entendida a partir da experiência do corpo que vivencia no mundo o sentido do silêncio e da fala como comunicação. Com efeito, o corpo se expressa em sua comunicação no mundo através do que chamamos de fala do falante e fala falada, mas também pela linguagem sem fala de sua presença. Como a comunicação é realizada pelo corpo que fala pela linguagem conceitual e pelo silêncio? Como o silêncio é fala e a fala silêncio?

Palavras-Chaves: Linguagem. Fala. Silêncio. Corpo. Merleau-Ponty.

Abstract

This text has a claim to address the language in Merleau-Ponty, understood from the experience of the body that experiences on the world the meaning of silence and speech as communication. In fact, the body is expressed in its communication on the world through what we call the speaker's speech and spoken speech, but also by language without speech of its presence. As communication is performed by the body that speaks for the conceptual language and silence? As the silence is speech and the speech silence?

Key words: Language. Speaks. Silence. Body. Merleau-Ponty.

INTRODUÇÃO

A temática da linguagem sempre foi de grande importância para a Filosofia contemporânea e são muitos os pensadores que a ela dedicaram e dedicam atenção especial nas várias produções deixadas, especialmente nas últimas décadas.³ O que se percebe é que ela surge como uma das preocupações filosóficas mais recorrentes. Cada vez mais pesquisadores se voltam ao assunto, seja na busca da formulação e criação de conceitos, seja como elaboração

¹ Membro do grupo de Pesquisa: Filosofia da Percepção, coordenado pelo prof. Dr. Iraquitan Caminha – João Pessoa – UFPB e doutorando no Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL/UERN, vinculado à linha de pesquisa: Discurso, memória e identidade (E-mail: dedasouza1@gmail.com).

² Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br).

³ Além de Merleau-Ponty, podemos citar alguns: Bertrand Russell, Saussure, Rorty, Wittgenstein, Searle, Bakhtin, Chomsky, Austin, dentre outros.

da compreensão da fala em relação ao falante e até mesmo na leitura dos signos e sinais advindos da construção comunicativa. A linguagem usada de maneira evidente permite que pessoas digam a si e aos outros o seu papel na história, pelo sentido de sua existência no mundo.

Investigaremos aqui essa temática, com o propósito de pensá-la como Maurice Merleau-Ponty⁴ (1908-1961) o faz, apontando-a a partir do corpo-próprio como expressão de fala e de silêncio, partindo de algumas questões centrais: Como o corpo usa a linguagem sonora da *fala falada* e da *fala falante*⁵ e se expressa através do silêncio? Qual a linguagem do silêncio?

Pretendemos, a partir da problematização de tais questionamentos, perceber o papel que a linguagem exerce em nós e no mundo onde estamos inseridos, e como ela é capaz de tornar o homem o ser que transforma a realidade em que vive, transformando-se com ela. Assim, estarão postos sujeitos, enquanto *eu* e *outro*, demonstrando que a linguagem é intrínseca em sua forma codificada, decodificada e silenciosa.

O CORPO QUE FALA: A SONORIDADE DAS PALAVRAS

A ideia de que o corpo está separado da mente não se justifica aqui. Para Merleau-Ponty não há uma primazia da mente (psíquico), nem tampouco do corpo (físico), mas uma única e mesma ação que se constitui na percepção, que é o princípio de onde demanda todo nosso exercício da linguagem e que é capaz de fazer existir a união psicofísica.

Em Merleau-Ponty o corpo se lança ao mesmo tempo em que está inserido no mundo vivido, o que lhe permitiu dizer (FP, 2011, p. 207-8): “Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo”. É aqui, pois, que se encontram corpo e mundo numa só relação, e nesse espaço é que se estabelece a elaboração da linguagem e suas formas de ser na codificação, decodificação e no dizer enquanto fala e pensamento. Com efeito, há uma relação que se dá ao mesmo tempo, já que a linguagem não é tratada pelo filósofo como sendo exterior ao pensamento. Merleau-Ponty, no prefácio de sua obra *Signos* (S, 1991, p. 18) afirma: “Não há o pensamento e a linguagem; cada uma das suas ordens, ao ser examinada, se desdobra e envia uma ramificação uma a outra”. Nesse sentido, pensamento e fala acontecem ao mesmo

⁴ Utilizarei algumas obras desse autor fazendo menção de forma abreviada nas citações durante o texto: *Fenomenologia da Percepção* (FP), *Estrutura do Comportamento* (EC), *O Visível e o Invisível* (VI), *O Olho e o Espírito* (OE), *A Prosa do Mundo* (PM), *Signos* (S), *O Primado da Percepção* (PP) e *Filosofia e Linguagem* (FL).

⁵ *Parole parlée; parole parlante*: (cf. FP, 2011, p. 266-7) e (DUPOND, 2010, p. 32-3). A *fala falada* é a invenção do sentido no mundo cultural dos significados comuns disponíveis, enquanto a *fala falante* é aquela que ultrapassa o universo dos significados, anima e tenta “por em palavras um certo silêncio” (VI, 1984, p. 166) que encontra-se antes da fala e durante o ato envolvida no diálogo.

tempo sem que uma delas se sobreponha a outra, sendo a fala constituída na sonoridade das palavras, conforme argumenta (CARMO, 2000, p. 97) segundo o qual “... a linguagem é uma faculdade do mundo sensível, familiar a nós”.

Como parte do contexto comunicativo, a linguagem percebe o outro e se deixa perceber onde o mesmo espaço constitui a construção dialógica como o ato criador exercido através dela. Na *Fenomenologia da Percepção* (FP, 2011, p. 474-5) Merleau-Ponty afirma que:

[...] existe um objeto cultural que vai desempenhar um papel essencial na percepção de outrem: é a linguagem. Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador.

Vemos em Merleau-Ponty que a linguagem tem papel essencial na expressão de si e percepção do outro. O ato próprio do diálogo, edificado através da linguagem, permite que se estabeleça a relação entre *eu* e o *outro*. Esta relação respeita o *eu* enquanto eu, assim como o *outro* não deixa de ser outro, mas o diálogo que permite uma inter-relação não alimenta a concepção de dicotômica que põe, de um lado, o *eu* como sujeito que percebe o *outro* como objeto, comportando-se apenas como outro. Algumas das falas de Merleau-Ponty (FP, 2011, p. 474), nos fazem perceber que tanto o *eu* quanto o *outro* no diálogo, não podem se colocar como corpo objetivo: “[...] o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno [...]”. Daí entendermos porque a minha linguagem, assim como meu corpo acomodam-se ao *outro* que cria comigo o diálogo. Em outros termos, para a compreensão da linguagem é preciso está nela instalado para, então, exercê-la.

Merleau-Ponty (FP, 2011, p 242) diz que “[...] é preciso admitir que aquele que escuta recebe o pensamento da própria fala”. Ainda na mesma obra, afirma ele (FP, 2011, p. 243-244):

Na compreensão do outro, o problema é sempre determinado, porque só a solução do problema fará aparecer retrospectivamente os dados como convergentes, só o motivo central de uma filosofia, uma vez compreendido, dá aos textos dos filósofos o valor de signos adequados. Portanto, existe uma retomada do pensamento do outro através da fala, uma reflexão no outro, um poder de pensar *segundo o outro* que enriquece nossos pensamentos próprios. Aqui, é preciso que o sentido das palavras finalmente seja induzido pelas próprias palavras ou, mais exatamente, que sua significação conceitual se forme por antecipação a partir de uma *significação gestual* que, ela, é imanente à fala.

No diálogo há, pois, uma retomada do pensamento do outro através da fala, que cria novos pensamentos e enriquece o já sabido, permitindo, por parte do ouvinte, a reelaboração

sempre criadora no ato próprio da fala. Isso porque o que se percebe é a própria dinâmica no contexto dialógico, permitindo aos atores das falas agirem de acordo com o desenvolvimento da linguagem construída naquele momento. Assim, Merleau-Ponty (FP, 2011, p. 246) afirma que “... não preciso representar-me a palavra para sabê-la e para pronunciá-la. Basta que eu possua sua essência articular e sonora como uma das modulações, um dos usos possíveis de meu corpo”. Nesse espírito, ainda na (FP, 2011, p. 246-7) diz:

Só se compreende o papel do corpo na memória se a memória é não a consciência constituinte do passado, mas um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente, e se o corpo, sendo nosso meio permanente de “tomar atitudes” e de fabricar-nos assim pseudopresentes, é o meio de nossa comunicação com o tempo, assim como com o espaço. A função do corpo na memória é aquela mesma função de projeção que já encontramos na iniciação cinética: o corpo converte uma certa essência motora em vociferação, desdobra o estilo articular de uma palavra em fenômenos sonoros, desdobra em panorama do passado a atitude antiga que ele retoma, projeta uma intenção de movimento em movimento efetivo, porque ele é um poder de expressão natural.

Eis o que Merleau-Ponty nos aponta com relação ao papel do corpo como aquele que está num movimento permanente de construção, especialmente por ser ele, o corpo, o nosso meio de tomar atitudes no ato criador da linguagem. Então, o corpo não é uma memória do passado, mas, a partir de implicações do presente, projeta-se como expressão natural da fala com o tempo e com o espaço. Vemos que, nesse sentido, fala e pensamento não são duas coisas estanques a fazer parte de mundos diferentes e irreais. Há, portanto, um envolvimento com o mundo vivido, tempo e espaço onde acontece a existência humana. Assim, Merleau-Ponty na (FP, 2011, p. 247) afirma:

A fala e o pensamento só admitiriam essa relação exterior se um e outro fossem tematicamente dados; na realidade, eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido.

Nessa relação exterior da fala e do pensamento, de um e outro, a fala funciona como o sentido exterior, dando sentido ao mundo e as coisas deste. Numa compreensão do sentido do pensamento e da fala que as tornam presença concreta no mundo vivido, Merleau-Ponty na (FP, 2011, p. 247) diz que:

As palavras só podem ser as “fortalezas do pensamento” e o pensamento só pode procurar a expressão se as falas não são por si mesmas um texto compreensível e se a fala possui uma potência de significação que lhe seja própria. É preciso que, de uma maneira ou de outra, a palavra e a fala deixem de ser uma maneira de designar o objeto ou o pensamento para se tornarem a

presença desse pensamento no mundo sensível e, não sua vestimenta, mas seu emblema ou seu corpo.

Assim, o pensamento e a fala, antes postos como instâncias estanques, como se uma não tivesse nada com o outra, aqui são colocadas como sendo interdependentes entre si. Conforme diz Merleau-Ponty na (FP, 2011, p. 249) “O pensamento não é nada de “interior”, ele não existe fora do mundo e fora das palavras”. E ainda continua (FP, 2011, p. 249):

A fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe “já sejam conhecidos” por mim.

Há, portanto, cumplicidade na fala, como gesto no ato comunicativo, o que faz com que o diálogo tenha sentido. A fala do outro deverá ser constituída com um vocabulário conhecido por mim, a fim de que seja possível compreendê-la.

O corpo que se expressa através da fala, dos gestos, da presença, é ele que materializa a comunicação pela sonoridade constituída pelas palavras, tornando-as elemento sensível. E mesmo quando há o espaço sem palavras, deixando o silêncio acontecer, esse intervalo é parte da linguagem, para que em seguida possa vir a ser rompida pelas palavras do diálogo. Na (FP, 2011, p. 250) Merleau-Ponty afirma que:

O mundo linguístico e intersubjetivo não nos espanta mais, nós não distinguimos mais do próprio mundo, e é no interior de um mundo já falado e falante que refletimos. Perdemos a consciência do que há de contingente na expressão e na comunicação, seja junto à criança que aprende a falar, seja junto ao escritor que diz e pensa pela primeira vez alguma coisa, seja enfim junto a todos os que transformam um certo silêncio em fala. Todavia, está muito claro que a fala constituída, tal como opera na vida cotidiana, supõe realizado o passo decisivo da expressão. Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo.

A fala complementa através do corpo toda nossa intenção de comunicar. Pelo corpo existimos de forma sensível no mundo, sentimos a presença do outro e das coisas como uma inserção real, um acontecimento. Por isso, Merleau-Ponty (2011, p. 253) diz que “É por meu

corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo ‘coisas’”. Portanto, na (FP, 2011, p. 262) afirma:

A linguagem tem um interior, mas esse interior não é um pensamento fechado sobre si e consciente de si. O que então exprime a linguagem, se ela não exprime pensamentos? Ela representa, ou antes ela é tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações. O “mundo” não é aqui uma maneira de falar: ele significa que a vida “mental” ou cultural toma de empréstimo à vida natural as suas estruturas, e que o sujeito pensante deve ser fundado no sujeito encarnado.

Tanto o sujeito quanto o outro, partes uníssonas que fazem acontecer a linguagem e a comunicação, existem a partir do sujeito encarnado. A linguagem não poderá estar fora da realidade do mundo em que vivemos. Por isso Merleau-Ponty demonstra mais uma vez que a linguagem tem um papel criador e transformador do mundo onde estamos, a partir de uma intersubjetividade vivida através dela. Ele não é somente o sujeito que pensa, também está envolvido na fala do outro, na elaboração da linguagem que o torna ser de um mundo vivido.

O CORPO QUE CALA: O SILÊNCIO E SUAS VOZES

Em nenhum momento Merleau-Ponty imagina a linguagem como elemento dissociado de tudo o que pode ser dito do mundo e da pessoa que o habita. Um e outro se complementarão, ou seja, há uma inerência cúmplice na constituição de ambos, sob a égide do existir. Assim, o corpo que fala, que se expressa através dos sons, é também o mesmo corpo que poderá me dizer muito sem dizer ou sonorizar sequer uma palavra. A expressão do silêncio através do corpo se faz a partir da presença existencial deste que é capaz de comunicar com a fala e para além das palavras ditas quando estas calam e se interpõe um silêncio não sepulcral, mas um calar-se que comunica com ecos, gestos. Não é uma linguagem silenciosa introspectiva e alienada. Ela se encontra dentro do mundo vivido, exatamente com a pessoa existente à nossa frente, bem como no próprio sujeito que expressa a linguagem.

Como é sabido, a Filosofia de Merleau-Ponty tem no seu princípio a percepção como aquele olhar que se lança aos objetos, ao mesmo tempo em que sofre a ação dos objetos do mundo, como simetria a envolver-se no ato mesmo da percepção. Ver é ver-se, e, portanto, também a percepção promove um ver a si mesmo enquanto “percepção do mundo que a envolve”.

No exercício prático da linguagem, antes do uso dialogal pela fala pronunciada pelo sujeito e mesmo na ação da palavra sendo dita, há o “entre as palavras”, como defende Merleau-Ponty na (FP, 2011, p. 122) “... no conjunto de meu corpo se delimitam regiões de silêncio”. Entendemos, pois, que a linguagem comporta as diversas formas que podem ser usadas na comunicação: a fala, o gesto, a escrita, no silêncio da arte através da pintura, da música, em suma, todas as expressões que partem do corpo e se fazem presença viva na existência dos seres. Vemos assim o quanto a linguagem tem campo largo, que se oferece como caminhos para o mesmo objetivo que é comunicar-se. Mesmo diante do silêncio que parece não dizer nada, algo é dito. Afirma ele em o (OE, 2013, p. 66): “A linguagem diz peremptoriamente quando renuncia a dizer a própria coisa”. Mesmo nesse sentido há uma comunicação presente. Por exemplo, no caso do pintor que com sua arte “nos atinge com o mundo tácito das cores e das linhas” (OE, 2013, p. 67). Aqui o silêncio encontra-se, portanto, entrelaçado nas palavras ditas e não ditas da demonstração visual do quadro à nossa frente, que nos impressiona numa contemplação a partir do visível experimentado. Mas, como podemos entender esse sentido da linguagem, indaga o próprio Merleau-Ponty (OE, 2013, p. 67), “se a linguagem se exprime tanto pelo que está entre as palavras quanto pelas palavras? Tanto pelo que ‘diz’ quanto pelo que não ‘diz’”? Há, portanto, o eco de um silêncio que nos atinge por sair de nós próprios e retorna provocando reações aos nossos sentidos. Assim, “... temos de considerar a palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ela nada diria, ou ainda por a nu os fios do silêncio que nela se entremeiam” (S, 1991, p. 47).

Mesmo que seja um silêncio que prepara uma fala posterior, este calar-se é capaz de afirmar, como uma linguagem tácita presente, especialmente quando a pintura se deixa falar ao seu modo. A arte da pintura ilustra de maneira concreta essa experiência vivida de uma linguagem expressa através do silêncio que fala. Este é um aspecto. Outro, seria o fato da simples presença de alguém em nosso meio. Mesmo que esta pessoa não pronuncie nada, suas atitudes, mesmo silenciosas, mostram o quanto há uma linguagem a comunicar a todos: pelas expressões do corpo. A linguagem comunicada aqui está envolvida com o outro. Por isso, diz Merleau-Ponty (PM, 2012, p. 50): “Por minha linguagem e por meu corpo, sou acomodado ao outro”. Entendemos que para o autor, há um comprometimento que une o *eu* e o *outro* respeitando as individualidades. Seja pela fala, pela escrita, por gestos ou, simplesmente, sem dizer nada, nosso corpo presente no meio de outros é capaz de encontrar-se na perspectiva deste. “O “eu” que fala está instalado em seu corpo e em sua linguagem não como numa prisão, mas, ao contrário, como um aparelho que o transporta magicamente à perspectiva do outro”, dirá em

a (PM, 2012, p. 51). E ainda assegura Merleau-Ponty em o (OE, 2013, p. 65) e em (S, 1991, p. 44) que: “... toda linguagem é indireta ou alusiva, e é, se se preferir, silêncio”.

A linguagem faz parte do existir humano e sua conexão com os outros e os objetos, cores, sons ou silêncio, a fazem ser possuidora de uma riqueza infinda, a partir da participação das composições que a constituem no mundo. Merleau-Ponty (FL, 1969, p. 33-34) argumenta:

Assim como o pintor e o músico necessitam de objetos, cores, sons para expressar as relações entre elementos do mundo dentro da unidade de uma vida – por exemplo, as correspondências metafóricas de uma paisagem marinha, – o escritor toma a linguagem de todos e utiliza para traduzir a participação pré-lógica das paisagens, habitações, lugares, gestos dos homens entre eles e com os outros⁶.

Vemos aqui que a linguagem em Merleau-Ponty assume seu sentido fenomenológico, quando busca o equilíbrio entre o horizonte exterior e interior, a partir da essência própria das coisas que o mundo apresenta. Estas estão postas aí, à nossa frente, de forma perceptiva como primeira experiência que fazemos. Por isso é que a linguagem, segundo Merleau-Ponty existe a partir da junção da percepção, fala, gestos e silêncio que entremeia todo o ato.

Parece que o emudecer da fala é capaz de dizer com vozes ou ecos do silêncio o quanto estamos envolvidos pela linguagem, que a cada instante se faz presente nas ações humanas do cotidiano. Então, o silêncio nesse sentido é provocador, e o ato próprio da fala vem preenchê-la, mesmo entrelaçando-se no intervalo das palavras ditas, mais ainda tem sua razão e sentido de ser. O que se percebe é um quiasma que a todo instante está se cruzando na produção significativa dos saberes. E isto faz com que a linguagem esteja para além da comunicação simplesmente. Ela é capaz de ser criadora na medida em que aguça-a.

Estes argumentos sobre a linguagem, foram e são até hoje frutos das descobertas realizadas nas últimas décadas, bem como tem sido uma constante dentre as preocupações filosóficas de Merleau-Ponty e demais pensadores já lembrados aqui. Esta retomada do interesse nos estudos sobre a linguagem no século XX tem permitido muitas pesquisas que visam um melhor conhecimento sobre o ser humano e sua presença no mundo tendo por base a linguagem. O texto baseou-se, portanto, em dois pontos: primeiro, o da linguagem falada, dita, verbalizada na sua forma de ser. Segundo, o do interposto no diálogo, que se dá no ato da

⁶ “Así como el pintor y el músico se valen de objetos, colores y sonidos para manifestar las relaciones de los elementos del mundo dentro de la unidad de una vida – por ejemplo, las correspondencias metafóricas de un paisaje marino -, el escritor toma el lenguaje de todos y se vale de él para traducir la participación pré-lógica de los paisajes, de las moradas, de los lugares, de los gestos, de los hombres entre ellos y nosotros”. (FL, 1969, p. 33-4).

comunicação entre as pessoas, a de um silêncio que acontece no “entre palavras”, importante no constructo do diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste pequeno ensaio foi o de apontar caminhos a respeito da consideração da linguagem a partir da leitura de Merleau-Ponty. Se tradicionalmente a linguagem era apenas privilégio e possibilidade emergente da consciência, por apenas traduzir o que o pensamento elaborasse, hoje, especialmente baseados nas ideias de Merleau-Ponty, descobre-se que a linguagem tem um papel vivo e criador para às ações do ser humano, inserido no mundo percebido e vivido. A linguagem é criação que se faz no ato próprio da fala, por isso é viva e dinâmica. Vimos que não é possível, nesta visão merleau-pontyana, separar corpo, pensamento, palavra, silêncio, pois estes estão tão unidos no ato da comunicação que constituem uma só coisa: a linguagem. E como esta foge à concepção clássica de ser apenas “tradução de um pensamento”, ela não possui sua primazia na razão, nem tampouco na materialidade empírica. A noção de “pensamento puro” é desfeita por Merleau-Ponty, segundo o qual “... o meu corpo é o pivô do mundo” (FP, 2011, p. 122). O corpo está unido ao seu pensamento, mas ele é realidade do mundo percebido. E com isso é que nosso autor apresenta a linguagem como modalidade do corpo. Nesse sentido é que (CARMO, 2000, p. 96) argumenta que “... os estudos de Merleau-Ponty acerca da linguagem têm como princípio tratá-la como uma modalidade do corpo, e não como uma operação do pensamento puro”.

A abordagem aqui feita sobre a linguagem do corpo como silêncio e fala nos permitiu pensar sobre a importância desta para a filosofia. Ela, a linguagem, não se permite gratuita e sem sentido, mas figura em nossos dias como uma importante ferramenta que faz a própria Filosofia se fazer enquanto elaboração dos conceitos, refletindo na dinâmica desta que está sendo feita a todo o momento.

Nosso intuito foi demonstrar que o corpo tem papel fundamental nesse processo da linguagem. A partir dele, o humano não só se diferencia dos demais seres vivos, mas elabora de maneira livre e consciente aquilo que pretende dizer. De qualquer forma ele estabeleceu o que chamamos de linguagem, nesse caso feita através do nosso corpo que se expressa falando ou, simplesmente, quando se cala, estabelecendo-se outra forma de linguagem: a do silêncio.

Referências:

CAMINHA, Iraquitan . **O distante-próximo e o próximo-distante**. Corpo e percepção na Filosofia de Merleau-Ponty. Editora Universitária da UFPB. João Pessoa, 2010.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty, uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

COELHO JR, Nelson & CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau-Ponty: Filosofia como corpo e existência**. São Paulo: Escuta, 1991.

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção Vocabulário dos Filósofos).

MALRAUX, André. **As vozes do silêncio**. Lisboa. Edição Livros do Brasil, s.d.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Trad. Marcus Penchel. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. (Série Compreender).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Biblioteca Pensamento Moderno).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Estrutura do Comportamento**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. S. Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. S. Paulo: Cosacnaify, 2013. (24).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Prosa do Mundo**. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. S. Paulo: Cosacnaify, 2012. (12).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Filosofía y Lenguaje**: Collège de France (1952-1960), Estudios y ensayos fundamentales. Trad. Hugo Acevedo. Buenos Aires: Editora Proteo S.C.A., 1969.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

MULLER, Marcos J. **Merleau-Ponty: acerca da expressão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Filosofia).

NEBREDA, Jesús J. Merleau-Ponty e la fenomenologia del lenguaje. In: **Pensamiento**, v. 38, 1982.